

CEDI - P. I. B.
DATA 11, 07, 86
COD WYD 16

O QUE HÁ DE NOVO NO PARQUE TUMUCUMAQUE ?

Muito embora permaneça uma região relativamente isolada, e a ~~grande~~ maioria de seus ocupantes prossiga vivendo basicamente de acordo com padrões tradicionais, significativas mudanças, notadamente de ordem política ~~administrativa~~, ocorreram no Parque Tumucumaque.

Desde a publicação do volume Anapá/Norte do Pará (vol. 3 da coleção Povos Indígenas do Brasil, São Paulo, CEDI) ^{alterou-se} ~~alterou-se~~ a situação em relação ao trabalho de definição e delimitação das terras indígenas ao sul do Parque Indígena de Tumucumaque, habitadas pelos Wayana-Aparai. Em setembro de 1984 pela Portaria/FUNAI nº 1768 foi criado Grupo de Trabalho para a delimitação da Área Indígena Paru de Leste.

Esta conquista inicial é o resultado de quatro anos de insistentes demandas junto ao Orgão Tutelar para o restudo dos ~~antigos~~ limites do Parque Indígena, os quais não respeitam a realidade indígena ao nível de suas relações ecológicas e simbólicas assim como da efetiva ocupação da área.

Este processo iniciou-se em fins de 1979 e, após dois anos de emperramento burocrático em que a documentação se sucedia nos diversos departamentos, as reivindicações lograram chegar - em 1982 - à presidência da FUNAI para esbarrarem em argumentação desfavorável do então presidente Cel. Paulo Moreira Leal. De monstrava este que o Parque seria suficientemente grande para abrigar a todos os Wayana-Aparai. Apoiando-se unicamente em dados físicos, reproduzia mecanicamente o pensamento no qual "qualquer terra serve para os índios". No caso do Tumucumaque rejeitou-se este argumento ~~com~~ base na efetiva ocupação da área e nos critérios de ocupação espacial e de aproveitamento ambiental. A contraproposta, provinda deste mesmo presidente, previa o cancelamento do decreto de instituição do Parque Indígena e a delimitação de duas áreas - duas estreitas faixas ao longo dos rios Paru de Oeste e Paru de Leste para os Tiriyó/Kaxuyana e Wayana-Aparai respectivamente, permanecendo amplo corredor

entre as mesmas. Esta proposta, inadmissível porque aniquila a única garantia jurídica da área, o decreto presidencial nº 62 998/68 foi recusada. Os trabalhos retornaram à estaca zero pois nenhum entendimento posterior foi possível a partir desta data, mantendo-se o presidente inarredável em seus propósitos. A

A formação do grupo de trabalho em 1984 representa efetivamente um avanço ~~na área~~ ^(nesta empresa). Delimitando uma região ao sul do Parque, a denominada Área Indígena Paru de Leste, propõe-se conceder aos Wayana-Aparai a área por eles reivindicada, de ocupação ~~uma~~ inmemorial e em contínuo ao Parque Tunucumaque, não comprometendo assim as relações sociais, simbólicas e econômicas desenvolvidas nesta porção territorial. (Ver o mapa).

xxxxxxxx X xxxxxxxx

"AQUELES INDIOS NAO ME DAO PROBLEMAS"....

A área ao norte do Pará, onde se insere o Parque Tunucumaque com seus 30 000 km² é uma região "esquecida". Este termo, ~~aplicado~~ ~~aplicado~~ aplicado a outras áreas indígenas, encontra aí uma ressonância impa. É "esquecida" dado o seu isolamento geográfico, um trecho do Brasil que se encaixa entre o Surinam e Guiana Francesa, o justamente denominado "Recôncavo do Tunucumaque", servido por rios encaixoeirados - Paru de Leste, Maicuru, Erepecurú, dificultando o acesso à região: até o presente apenas os extrativistas se aventuram ^{am} por suas margens. "Esquecida" porque este isolamento se aprofunda, estruturalmente em relação à Amazonia, retalhada pelas frentes de penetração, multinacionais, fazendas... Tunucumaque felizmente, ainda permanece como nos primeiros decênios deste século. Além disto, como região de fronteira, possuía outrora destacamento da Força Aérea Brasileira que protegia seus ocupantes de invasões, sobretudo dos gateiros. Privilégiada com vôos regulares da FAB, o ~~mesmo~~ ^{mesmo} não ocorre presente

temente, ficando ocasionalmente isolada por períodos de até tres meses. Mas o Parque é sobretudo "esquecido" politicamente. É um Parque mas não detém esta prerrogativa; desde sua criação sempre se viu em penúria, muitas vezes sem chefe de Posto. O isolamento político, neste caso específico, assume contornos peculiares em relação à atuação do Orgão Tutelar. Engloba falta de empenho e descaso unido à incompreensão dos problemas da área. "Me preocupar com o Tunucumaque, mas porque? aqueles índios não me dão problemas"... resumia antigo delegado da 2ª DR. E não criar problemas para o delegado significa que os Wayana-Aparai não são reivindicatórios, strictu sensu, que seus líderes não ^{comparecem} ~~comparecem~~ nos escritórios do Orgão Tutelar e não ~~aparecem~~ ^{figuram} nos jornais e muito menos na televisão. No atual quadro político das lutas indígenas seriam ~~os~~ povos silentes, notadamente porque há interesses em que permaneçam assim. Mas os Wayana-Aparai não devem ser tomados como povos sem voz, ^{suas reivindicações se voltam para o} ~~antes de mais nada~~ ^{de} ~~desejo~~ ^{de} ~~ser~~ eles mesmos, com direito à terra que inenunciavelmente ocupam ^e ~~na~~, concomitantemente anseiam por assistência sanitária e formas de adquirir os bens de consumo que hoje em dia se fazem necessários.

"PORQUE NÃO SÃO COMO OS KAIAPÓ"?..

Duas ondas contrárias, como vagas, se debatem na área ocupada pelos Wayana-Aparai. Cada qual procura anular o efeito da outra, ou ao menos minimizar seus efeitos.

De um lado observamos os proprios índios, cansados da tutela, fatigados da intromissão em seus assuntos internos, retomarem as rédeas da auto-gerência ressuscitando antigas formas de troca assim como práticas sociais e de ocupação ~~na~~ espacial. Em sentido contrário a missão religiosa, reinstalada entre eles, se pluraliza, duplicando seus tentáculos ~~estruturais~~ catequistas e de ação aculturativa.

A Funai assiste passiva a este processo por não o compreender em profundidade. Sua omissão e falta de incentivo à autonomia indígena acaba reforçando atitudes contrárias a esta. em detrimento dos Wayana-Aparai.

Desde a instalação das principais frentes de contato não regional⁴³ (FUNAI, SIL e FAB) iniciadas em princípios da década de 70, observa-se uma grande alteração no quadro de localização das aldeias e consequentemente da população das mesmas, diretamente influenciadas por estes agentes, provocando ^{dois} movimentos migratórios. O primeiro de concentração em uma única aldeia, ou seja a antiga Aldeia Apalai e o outro de dispersão em vários povoados.

O movimento inicial de concentração perdurou de 1970 até 1976. Sob as instâncias da Força Aérea Brasileira (instalada na área em 1970) numerosos Wayana-Aparai, habitando aldeias no médio rio Paru de Leste, mudaram-se para a antiga Aldeia Bona ^{((atual Apalai))} no alto curso deste rio. Neste processo algumas aldeias foram abandonadas, outras se despovoaram. Como consequência ^a Aldeia Bona viu sua população crescer de 0 indivíduo em 1969 para aproximadamente 140 em 1976 numa população total de 180 pessoas.

A dispersão iniciou-se em 1976 e se prolonga, ditada pela necessidade da manutenção da economia de subsistência em níveis aceitáveis e igualmente como uma forma de ~~manutenção~~ conservação da cultura Wayana-Aparai, uma vez que uma grande concentração populacional numa única aldeia constitui-se numa realidade totalmente estranha à tradição e à experiência indígena. Desta forma, pouco a pouco, membros da comunidade da Aldeia Apalai mudaram-se para locais vizinhos e para outros ^{mais afastados} à montante; novas aldeias ^{também} foram construídas e famílias se reuniram. O resultado foi o despovoamento progressivo desta aldeia que em 1984 contava apenas 84 indivíduos, muitos em caráter provisório.

Este movimento de dispersão deve ser apoiado e incentivado, pois são evidentes as razões que o motivam: Aldeia Apalai e a área circunvizinha são totalmente impróprias e insuficientes para a economia de subsistência indígena. Contudo, este processo aparentemente não foi compreendido ou muito possivelmente não deseja ser compreendido pois implica na dinamização da assistência sanitária e na criação de sub-posto e de certa forma arruina os repetidos esforços aculturativos e de formação religiosa. Lamenta-se amargamente o órgão assistencial: "porque os Aparai não são como os Kaiapó, todos na mesma aldeia".

muitos como a forma mais compensadora de aquisição de elementos não indígenas, visto que a captura e o processo de salgação de peixes é considerada muito menos cansativa e trabalhosa do que a coleta de matéria-prima e confecção de cestos. Uma quarta alternativa, ainda incipiente, surgiu em fins de 1984. Trata-se do trabalho de garimpagem de ouro pelos próprios Wayana-Aparai, o qual, acreditam, xaxá lhes trará a independência econômica que almejam.

" VAI ENTRAR MUITA GENTE"

No interflúvio Jari/Paru de Leste, mais precisamente no igarapé Gavião, afluente do rio Mopecú, localizam-se diversas frentes de garimpo, "barrancos" no falar regional. São indistintamente denominados de Garimpo 13 de Maio, nome derivado da pista de pouso. Tratam-se de garimpos de ouro, administrados por Reimar Uchoa, de Santarém. Operam na área mais de 100 garimpeiros, sem licença de lavra.

Em área mais vasta, compreendendo uma faixa que vai do Paru de Leste ao rio K Jari e que abriga o rio Mopecu e afluentes e também os igarapés dos ~~px~~ Patos e do Inferno, estes tributários do rio Ipitinga, a Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) realiza pesquisa mineral com base em alvarás concedidos pelo Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM); Este trabalho é sazonal, ocorrendo nos meses de estiagem, junho a novembro. No Mopecú, ^{entretanto}, possuem um acampamento permanente. A CPRM e o Garimpo 13 de Maio atuam na área independentemente, em relações definidas como de ^{"co}existência pacífica".

Esta última frase não pode ser aplicada aos Wayana-Aparai em seus contatos com o garimpo ^{com} e os garimpeiros de um modo geral. Para estes últimos "a terra dos índios é no alto Paru e a área dos "amazonas" (1) é até no Citaré". É com base nesta afirmativa que penetram rio acima, infiltrando-se nos afluentes do Paru de Leste: Itapecurú, Apopó, Axiki, em busca de ouro e no Castanheira, garimpando cassiterita. "Vai entrar muita gente, garimpeiro fazendo muita sujeira, trazendo muita cachaça e doença" se queixam permanentemente os índios.

A última invasão ocorreu em dezembro de 1984. Cinco garimpeiros do 13 de Maio sob o comando de João Valle penetraram no igarapé Itapecurú e ali se instalaram em busca de ouro. Ao passarem pela aldeia onde vive Jakurutú, localizada abaixo deste igarapé, este os advertiu dizendo que "esta era terra de Aparai". Os garimpeiros segundo conta Missiko não deram ouvidos, afirmando que "ele não podia provar nada pois nem tinha

placa de demarcação"...

Os garimpeiros penetram impunemente no médio Paru de Leste porque não existe qualquer forma de fiscalização e interdição de suas atividades: a ausência da FUNAI permite-lhes trânsito livre, como os mesmos argumentam. Por outro lado, atemorizam os índios e estes se sentem impotentes para os coibirem, a não ser num plano verbal.

Muito embora temam os garimpeiros pelas doenças transmitidas, principalmente gripe e sífilis venéreas, como também pelo clima de desordem e as rixas constantes nos garimpos, várias famílias Wayana -Aparai vêm na permuta com aqueles uma forma alternativa de aquisição de bens materiais industrializados. Assim, em suas pescarias estivais, esforçam-se por uma captura suplementar de peixe que salgam ou moqueiam. Em seguida dirigem-se ao garimpo, acampando à montante. Apenas os homens, em dias da semana (1), vão ao entreposto de Adonias Xavier, situado em Anatum, à beira do rio Paru. O peixe salgado era comprado em 1984 por Cr\$ 5 000 o kg e o moqueado à Cr\$ 8 000 o kg. Além destes produtos permutam remos, farinha, canoas, breu, recebendo o pagamento em ouro, com o qual compram bens industrializados a preços exorbitantes. Muitas vezes, entretanto, não recebem pagamento, mas seu saldo positivo é anotado para futuro e dificultoso recebimento.

É contra esses pagamentos muitas vezes não realizados que três homens de Kumarkapan decidiram garimpar. Encontraram um veio no local denominado Mérietopo, à montante de sua aldeia e aí dedicam-se a esta atividade, vendendo o ouro conseguido em Anatum. Seguindo este exemplo, vários homens de aldeia Apalai pretendem no verão de 1985 iniciar-se nesta atividade como opção para a obtenção de recursos financeiros.

(1) Segundo os índios estes são os dias em que não há brigas no garimpo.

MALÁRIA, MALÁRIA

Como vem ocorrendo com toda a região amazônica, as epidemias de malária recrudesceram no Parque Tumucumaque. Em outubro de 1983 e em fevereiro até meados de abril de 1984 ocorreram dois surtos. Este último, o mais grave, atingiu 90% da população de Aldeia Apalai. Identificou-se notadamente o *Plasmodium falciparum* e em menor escala o *vivax*.

Recentemente, isto é, até 1980, a região desconhecia as epidemias de malária nos meses não-chuvosos (setembro a dezembro). Esta situação inverteu-se, como o comprovam o surto de outubro de 1983 e os casos de malária constatados nos meses de outubro e novembro de 1984.

Além da malária, os Wayana-Aparai foram acometidos de mais dois tipos de epidemia. A primeira foi de bronquite nos meses chuvosos de 1983 e de blenorragia que, durante 1984, apareceu por três vezes, contrada no contato alternado dos índios com os garimpeiros de Garimpo 13 de Maio. Neste, as mulheres são infectadas e a partir destas a doença espalha-se pela aldeia e depois para as aldeias próximas.

De forma não epidêmica ocorrem ainda no Parque Tumucumaque: leishmaniose, hepatite, cancer ginecológico, infecções uterinas, diabete, tumor duodenal. Neste quadro constata-se que as mulheres são as principais vítimas, uma vez que as quatro últimas moléstias atacam unicamente a este segmento populacional.

Nos últimos dois anos morreram quatro adultos e três crianças, de causas várias, duas por acidentes e as demais por doenças. No último, o quadro evolutivo da população Wayana-Aparai tem-se mantido estável, observando-se inclusive um significativo crescimento demográfico.

A última campanha de vacinação ocorreu em agosto de 1984. Nesta ocasião foram aplicadas as seguintes vacinas: tríplice, Sabin, BCG intradérmica e anti-sarampo. Cerca de 70% da população está agora vacinada.

Muito embora tenham sido realizados esforços no sentido de melhorar o atendimento médico na região, o mesmo continua precário, uma vez que , efetivamente, só abrange Aldeia Apalai e as aldeias circunvizinhas. As que estão situadas no médio curso do rio Paru, não recebem qualquer atendimento e vários índios têm morrido em busca de socorro. Apenas a instalação de um sub-posto nesta área poderia resolver o problema.

"LER A PALAVRA DE DEUS"

O Summer Institute of Linguistics (SIL) instalou-se entre os Wayana-Aparai em 1963 numa aldeia próximo a Anatum. Com a formação da antiga aldeia Bona transferiram-se para esta e ali permaneceram até a sua retirada em 1976. Em 1983 regressaram à esta aldeia e retomaram suas atividades. Empenhados no estudo da língua Aparai conjugam estudos linguísticos e ensino na língua indígena às atividades ^{tanto} religiosa missionária. ^{COMO} Ve aculturativa.

O casal do SIL não está mais sozinho em sua empresa junto aos Wayana-Aparai. Por iniciativa deste duas jovens da ALBAMA também passaram a atuar na área à partir de julho de 1983. A Aliança Batista Missionária da Amazonia (ALBAMA) com sede em Brasília tem como objetivo principal a formação de igrejas dentro da linha de ação da Convenção Batista Nacional da qual faz parte. Atua notadamente na área educacional e inicialmente dedicava-se exclusivamente às populações ribeirinhas da Amazonia. Os Wayana-Aparai representam a primeira experiência com povos indígenas.

Entre esses o trabalho atrela-se ao do SIL visando dar-lhe continuidade. Como este trabalho fundamenta-se na tradução da Bíblia em língua Aparai " há necessidade dos índios aprenderem a ler para lerem a palavra de Deus, então ~~n~~ nossos objetivos são a educação e a pregação da palavra de Deus porque este povo já está acostumado, então tudo gira em torno da palavra de Deus"/explica uma das missionárias da ALBAMA.

O objetivo educacional consiste em atuar na escola, juntamente com a FUNAI. A ALBAMA ministra aulas em língua Aparai de alfabetização à 3ª série, valendo-se de cartilhas confeccionadas pelo SIL e genericamente denominadas de Senetatoze. Ao terminarem as quatro cartilhas os alunos fazem a transição para a escola da FUNAI onde serão alfabetizados em português e, paralelamente, ingressam na leitura do único livro disponível "Gênesis abreviado na língua Aparai". Neste estágio ^{o aluno} é considerado alfabetizado nesta língua.

A atuação religiosa é dividida pela ALBAMA e SIL.

Concentra-se em reuniões ~~xxxxxxx~~ da comunidade às terças e quintas à noite e aos domingos pela manhã. Essas reuniões, em português e Aparai consiste invariavelmente na leitura de ~~x~~ fragmentos da Bíblia por um índio seguido da explicação de ~~ix~~ algum missionário após o que a palavra é facultada aos índios. Seguem-se hinos, muitas vezes adaptações de cânticos religiosos ouvidos no Surinam. Aos domingos são apresentadas estampas reproduzindo cenas do antigo testamento a partir das quais iniciam a pregação. ~~Apreensão~~ é igualmente exercida através do discipulado, o qual consiste em "ir à casa do índio, sentar, conversar e quando surgir a oportunidade discutir a palavra de Deus".

Muito embora as reuniões missionárias sejam frequentadas, as práticas sociais quotidianas dos Wayana-Aparai continuam vigorosas, como as palestras masculinas, as refeições comunitárias e a farta ingestão de cachiri em determinados dias. Da mesma forma o ensino tradicional ^{permanece} ~~continua~~ ativo "porque quando esquecer não é mais Wayana, não é mais Aparai".

QUADRO GERAL DA POPULAÇÃO E ALDEIAS WAYANA-APARAI. - RIO PARU DE LESTE

NORTE DO PARÁ

1983 : DANIEL SCHOEPF			1984 : LÚCIA HUSSAK VAN VELTHEM		
NOME DA ALDEIA	NOME DO CHEFE	Nº HAB.	NOME DA ALDEIA	NOME DO CHEFE	Nº HAB.
Keluwoke	(Araiba)	11	Kaluwoke	(Araiba)	11
Paiarpan	(Anakarene)	13	Payarpan	(Anakarenan)	11
Mamha	(Solano)	12	Mamhã	(Solano)	12
Makuatirimëne	(Cabocó)	13	Makwatirimoine	(Caboclo)	4
Nukoý	(Japakauí)	9	Nukoý	(Tapakani)	12
Apalai	(João Aranha)	69	Apalai	(João Aranha)	84
Pupuliman	(Sokoro)	8	Pupuliman	(Sokoró)	9
Ximalie	(Jakurutu)	7	Kurieuku-Komptã	(Ampo)	10
Kulieuku-Kompta	(Jose)	10	Torkiri	(Limar)	12
Torkiri	(Lima)	7	Palakalichpan	(Kutia)	3
Palakalirpan	(Kutia)	2	Orinapiú	(Jaraki)	3
Oliakpiu	(Jaraki)	2	Aramapucú	(Samoré)	16
Maliparpan	(Pedrinho)	21	Maliparpan	(Pedrinho)	24
Aliwemene	(Palantani)	2	Ariwënëne	(Palatani)	2
Citare-Kompta + Kumakarpan =	(João Batista)	17	Xitaré-Kompta	(Paxinapote)	7
Xuixuimë + Anapuakã =	(Aimorë+Dondon)	23	Xuixuimëne + Anapuakã =	(Aimorë + Dondon)	32
Itapeké	(Amatoia)	7	Kumakarpan	(João Batista)	15
			Itapeké	(Amatoiã)	7
			Zakareeukurú	(Jakurutú)	7
TOTAL: 17 Aldeias - Habitantes = 233			TOTAL: 19 Aldeias - Habitantes 281		

População total Tiriyo + Kaxuyana = 440

Aldeias:

- \ Paruaká
- \ Oleientô
- \ Munêne
- \ Arauatá
- \ Akahé
- \ Notyba
- \ Orokova (Akapú)
- \ Missão Tiriés
- \ Kuxaré + 50 pessoas

Pedra da Onça = 4 famílias

1983 epidemia de malária

1984 epidemia de catapora

Aldeias Wayana-Aparai - Fevereiro 1983 - Daniel Schoepf

(Do alto para baixo)

Kaluwoka (11 pessoas) (logo abaixo do Ig. Custuné)

Payarpan (13 pessoas)

Mura (secundária)

Manha

Makwatiriméne

Maurumene (secundária)

Nukoy

Aldeia Apalai

Pupuliman

Ximalié

Kulieuku Kompta

Korkiri

Palakalichpan

Miakpiu

Aramapukú (secundária)

Maliparpan

Ariwémene

Xitaré Kompta (Rio Citaré) (secundária)

Xuixuimé

Anapuaká (secundária)

Kumarkapan

Itapeké

Xaopa (abaixo Anatum)

total de habitantes: 233

Tiriyó - Aldeia Korokoro (boca do Matawaré)

266